



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 21 - junho 2017
MADALENA FÉRIN

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

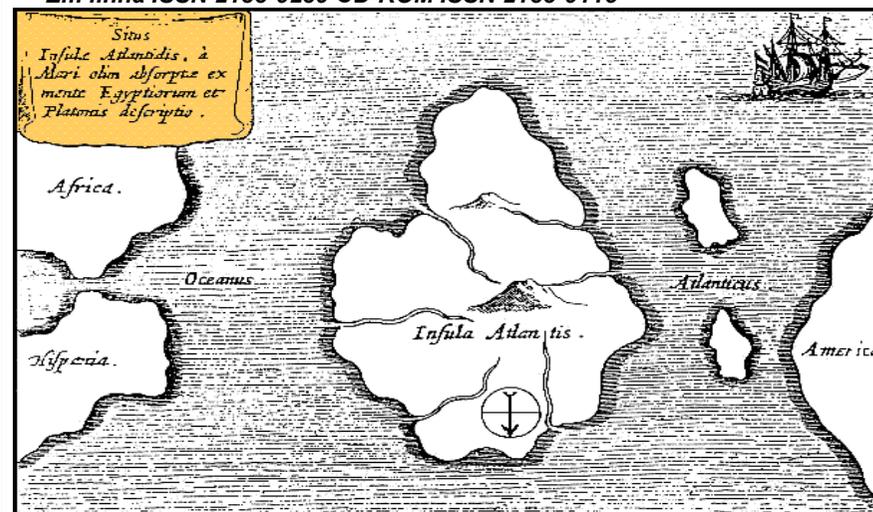
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 21 dedicado a MADALENA FÉRIN

Tema 2.2. PEDIDO DE LEITURA: A POESIA DE MADALENA FÉRIN,

Ninguém pode calcular o peso do silêncio sobre o tempo. Até o olhar desfoca perdendo as linhas principais do corpo. Depressa se perdem os que pareciam ser sinais imortais e inesquecíveis. Morre-se há cinquenta anos, há duas semanas, há doze horas e a capacidade de vestir quem morre com o nevoeiro do silêncio é a mesma de sempre.

Madalena Férin morreu há três anos. Apenas. O peso do silêncio que cai sobre ela é simplesmente escandaloso. Mas é assim que se cumpre o destino de tantos outros, até daqueles que, aparentemente, deixaram maior visibilidade literária.

Madalena Férin pertence a uma família que marcou os Açores e Portugal em quase todo o século XX: Fernando Monteiro (engenheiro), Armando Monteiro (filósofo e poeta), Jacinto Monteiro (sacerdote e historiador), Madalena Férin (licenciada em Filosofia e técnica superior do Instituto de Meteorologia e Geofísica em Lisboa), José Nuno da Câmara Pereira (artista plástico de projeção internacional).

Nascidos na ilha de S, Miguel, foram viver, ainda crianças, para Santa Maria – ilha onde o pai exerceu, simbolicamente, as funções de animador e de adido cultural.

A formação cultural de Armando Monteiro da Câmara Pereira permitiu-lhe pertencer a um grupo de personalidades singulares, com quem partilhou ideias e saberes e que marcaram as opções culturais dos filhos. Criar um «pensamento açoriano» era, então, uma das preocupações desse grupo, no qual pontificava outro Armando – o Côrtes-Rodrigues.

Madalena Férin cresceu neste ambiente de saudável aprendizado cultural – ambiente dito saudável porque lá não se fizeram sentir as ideologias fascistas adaptadas a Portugal através de Salazar. Depois de adulta e já residente em Lisboa, ela teve a coragem de pugnar a favor dos princípios e valores democráticos. A sua ficção narrativa reflete, de forma clara, as suas preocupações na defesa da Liberdade.

Aos vinte e oito anos, Madalena Férin publicou uma coletânea a que chamou de *Poemas*. Vinte e sete anos depois, saiu *Meia-Noite no mar*. É um salto grande em termos de calendário, mas é-o maior em termos de maturação literária.

Seguiu-se um período com alguma regularidade editorial. Em 1987, através da então Direção Regional dos Assuntos Culturais, publicou *A Cidade Vegetal e outros poemas*.

Três anos depois, ganhou o prémio «Antero de Quental – poesia – com *O Anjo Fálco*. Este livro foi publicado pela mesma Direção Regional, na qualidade de promotora do referido concurso literário.

O Número dos Vivos foi o seu primeiro romance. Saiu sob a chancela editorial do Instituto Açoriano de Cultura e deste livro disse, por ocasião da sua apresentação em Angra:

«Sendo este o seu primeiro romance, Madalena Férin consegue ultrapassar as dificuldades de uma escrita que, temperamentalmente, lhe estaria bloqueada. A fragmentarização aparente de *O Número dos Vivos* é uma opção intencional e assumida como estrutura, também ela constituindo uma permanente motivação de leitura, A caracterização dúbia das personagens e dos factos destrói as certezas e as verdades. Há apenas probabilidades, ficando suspenso no momento exato em que a chave parece poder abrir a porta. É na euforia da solução pressentida que o leitor adquire a certeza de que, afinal, a chave é meramente hipotética.

Com a criação da Coleção «Garajau», as Edições Salamandra publicaram três livros de poesia de Madalena Férin (*Bem-vindos ao Caos*, 1996; *Dormir com um Fauno*, 1998; *Prelúdio para o Dia Perfeito*, 1999).

Através da mesma editora, fez publicar o segundo romance *África Annes: o nome em vão* (2001).

Sobre este livro, Maria Estela Guedes escreveu:

«Este romance é uma das obras mais açorianas que conheço e só ele mereceria a homenagem da gente dos Açores a Madalena Férin.»

Escreveu também:

«Não se trata então de um romance histórico, nem de reconstrução verosímil do passado, antes de uma aventura poética pelo que na História, se não é ficção, com ela rivaliza – o maravilhoso popular que povoa os relatos dos cronistas.» (...)
«o livro é um documento poético do drama insular, em dois campos diversos: o da antropologia do imaginário e o da instabilidade geológica dessas ilhas açorianas, nascidas no que ao tempo de África Annes se chamava o Mar Ocidental.»

Nesta espécie de arrolamento bibliográfico, importa relevar que, apesar das incursões pela área da ficção narrativa, Madalena Férin é bem mais poeta. Dito assim, até parece que é possível pesar a criação literária através da predominância dos seus géneros. Mas Madalena Férin foi/é sobretudo poeta, com uma genialidade muito singular no que respeita à forma como se serve da poesia, tornando-a voz de uma alma telúrica, fêmea firme sem atavios nem disfarces.

Toda a poesia de Madalena Férin tem a ilha como tema, descrevendo-a sem recorrer a cenários paisagísticos, preferindo o lado tumultuoso e recôndito, apesar do que a sua poesia transporta de lírico, até pousar na ilha como porto da utopia. Aliás, Armando Côrtes-Rodrigues, numa carta-prefácio para um livro de Madalena Férin, escreveu:

«Andam também em todos os teus poemas este sabor de retumbância oceânica, que é sina dos que abriram os olhos à vida na vastidão do Atlântico que nos cerca.»

Nesta «retumbância oceânica» Madalena Férin entra no mundo apocalítico da palavra, onde deuses e demónios se digladiam por conta da apreensão de sentimentos, não evitando naufragar na fantasia que há de permitir cantar o amor. E mesmo quando os sonhos se desfazem, algo se aprende, molda, amadurece.

Estamos perante uma poesia que está repleta da teluricidade lávica das ilhas. Isso não a pouca emocional, literária e geograficamente. Pelo contrário: universaliza-a – até pela autenticidade com que declarou:

*«Do oceano trouxe o mito e as tempestades/
Marés e vento ondinas e sereias/
Do oceano trouxe a intensa escuridão/
Da Atlântida diluída em minhas veias.»*

Só quis lembrar, entre tantos outros nossos poetas esquecidos, Madalena Férin.

Raminho, 10 de setembro de 2013 - Álamo Oliveira



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 21 - junho 2017
MADALENA FÉRIN

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

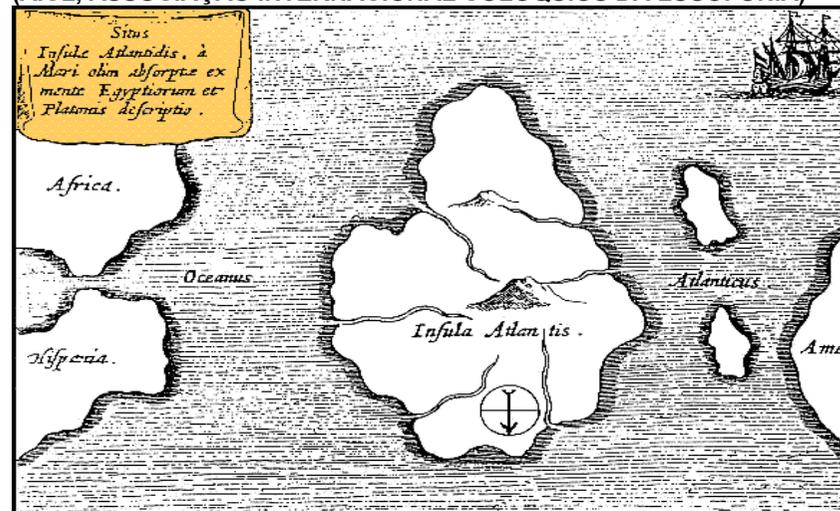
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 21 dedicado a MADALENA FÉRIN